



Comunicações

da Faculdade Batista Pioneira

A importância da Pesquisa Acadêmica na Teologia

batistapioneira.edu.br

II Seminário Internacional de Comunicações

doi.org/10.58855/2966-165X.2024.v2.010



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

O MOISÉS COMO UM TIPO DE CRISTO: HERMENÊUTICA DO TEXTO DE HEBREUS 3.1-6

Moses as a type of Christ: Hermeneutics of the text of Hebrews 3.1-6

João Luiz de Sá Melo¹

RESUMO

A Epístola aos Hebreus é uma obra fascinante e muito digna de atenção por parte de todos os cristãos de todas as épocas. No tocante a supremacia do Cristo, como o Filho de Deus, fica muito clara a Sua posição superior relativamente aos anjos, pela Sua própria natureza, também diante do grande Moisés ou mesmo de Josué. Além disso, Jesus é superior à ordem sacerdotal, sendo o Sumo-sacerdote, diante do sacerdócio de Arão e da ordem de Melquisedeque. O autor de Hebreus preocupa-se em afirmar que Jesus é o único mediador entre Deus e a humanidade. Diante disso, este trabalho delimitou uma unidade para o estudo (a perícopa de Hebreus capítulo três, versículos de um a seis), e estudou-se os seus contextos, a saber: remoto, mediato e imediato. Em seguida, fez-se a análise do gênero literário, foi estabelecida uma data da escrita do texto, determinado o público-alvo primário e o propósito ou propósitos da carta, além de tratar da dificuldade em se estabelecer autoria. Verificou-se algumas variantes textuais e as suas possíveis influências na interpretação. Também foi feita a análise léxico-sintática, semântica, bem como, a comparação das principais versões bíblicas da língua Portuguesa Brasileira, Europeia e Grego. Ao final são feitas as considerações, evidenciando a influência do texto na vida do autor.

¹ O autor é Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (2000), pós-graduado em Liderança Avançada, Alinhamento de equipes e Andragogia pelo *Haggai Institute* (2009), Pastor Batista desde 2001, Missionário associado da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira e Plantador de Igrejas em Portugal (desde 2019), *Global missionary partner (GMP) from International Mission Board of the Southern Baptist Convention and member of Team Europe (since 2024)*. Atualmente pastorea a Igreja Batista Local (no Porto). E-mail: pjismelo@gmail.com

Palavras-chave: Moisés. Cristo. Hebreus.

ABSTRACT

The Epistle to the Hebrews is a fascinating work and very worthy of attention by all Christians of all times. When it comes to Christ's supremacy as the Son of God, his superior position to the angels, due to His own nature, is very clear, even when compared to the great Moses or even Joshua. Furthermore, Jesus is superior to the priestly order, being the High Priest, before the priesthood of Aaron and the order of Melchizedek. The author of Hebrews is concerned to affirm that Jesus is the only mediator between God and humanity. In view of this, this work delimited a unit for the study (the pericope of Hebrews chapter three, verses one to six), and studied its contexts, namely: remote, mediate and immediate. Then, the literary genre was analyzed, a date for the writing of the text was established, the primary target audience and the purpose or purposes of the letter were determined, as well as the difficulty of establishing authorship was dealt. Some textual variants and their possible influences on interpretation were also checked. A lexical-syntactic and semantic analysis was also carried out, as well as a comparison of the main Bible versions in Brazilian and European Portuguese and in Greek. At the end, final considerations highlighting the influence of the text on the author's life are made.

Keywords: Moses. Christ. Hebrews.

INTRODUÇÃO

Se fosse preciso resumir toda a Teologia numa palavra, seria JESUS, pois Ele une toda a História, toda a Bíblia, tudo é para Ele e por Ele. Na Teologia Sistemática há muito o que se estudar, muita complexidade, mas se de tudo fosse esquecido, seria preciso lembrar-se especialmente da Cristologia.

Neste artigo examinar-se-á a primeira perícope do capítulo três da Epístola aos Hebreus, na qual é exposta a supremacia do Cristo sobre Moisés. Os judeus tinham uma opinião muito elevada sobre a Lei de Moisés, entretanto este apenas era um tipo de Cristo, apontava para Ele, ou seja, não tinha em si mesmo um fim, mas sim em Jesus, que é o Senhor legítimo da Igreja, do qual provém a vida, a salvação e todo o conhecimento de Deus.

Portanto, com toda a humildade e cuidado, caminha-se pelo exame deste texto das Escrituras, no qual se pode perceber que diante das lutas e das perseguições vividas, sempre é possível trazer à memória que Jesus, o Filho de Deus é superior a tudo.

Portanto, santos irmãos, participantes do chamado celestial, considerai com atenção o Apóstolo e Sumo Sacerdote que declaramos publicamente, Jesus. Ele foi fiel àquele que o constituiu, assim como também foi Moisés em toda a casa de Deus. Pois ele merece uma glória maior do que Moisés, assim como o construtor tem honra maior do que a casa. Porque toda casa é construída por alguém, mas quem edifica todas as coisas é Deus. Moisés, como servo, foi fiel em toda a casa de Deus para testemunho das coisas que seriam anunciadas, mas Cristo, como Filho, é fiel sobre a casa de Deus, casa que

somos nós, se conservarmos firmes até o fim a nossa confiança e a glória da esperança.²

A seguir, apresentar-se-á o exame dos contextos remoto, mediato e imediato. Em seguida fazer-se-á a análise do gênero literário, bem como, ver-se-á questões básicas, como a data, o público-alvo primário, o propósito, e a dificuldade em se estabelecer o autor. Verificar-se-á se na Crítica Textual há alguma dificuldade escriturística, trabalhar-se-á a análise léxico-sintática e a análise semântica e, por fim, será feita a comparação das principais versões bíblicas da Língua Portuguesa Brasileira, Europeia e no Grego.

1. VISÃO DO TEMA GERAL

Para perceber melhor o tema desta perícopé é preciso olhar para toda a Bíblia, para que não haja uma interpretação isolada, com maior propensão a erros. O contexto amplo de Hebreus, ou seja, a sua posição dentro do cânon bíblico, está localizado no Novo Testamento, fazendo parte das chamadas Epístolas Gerais. A aceitação deste livro, no cânon sagrado não foi muito fácil, embora a epístola aos Hebreus fosse muito conhecida e até citada no primeiro e segundo séculos. Além das evidências encontradas em “Clemente de Roma, vários outros pais da igreja ocidental fazem alusões a essa epístola ou citam-na (e.g., Inácio, Phil.9.1; Pastor de Hermas 2.3.2; Justino Mártir, Dial. 116.1), mas nenhum deles a trata como apostólica ou canônica”.³ Eusébio vai incluir Hebreus entre os livros “reconhecidos”, e os pais sírios jamais questionaram a condição canônica do livro, tendo ainda no fim a igreja oriental prevalecido sobre a ocidental, através da influência de Jerônimo e Agostinho.⁴

Muitos se empenharam nos estudos dos temas apresentados em Hebreus, sendo alguns, muito debatidos, tais como: a obra sacerdotal de Cristo, na terra e no céu, que é muito mais completa do que em qualquer outro livro do Novo Testamento. Além disso, os estudos revelam que há neste relato um grande interesse pelo Jesus histórico. Outro tema de muita curiosidade é Melquisedeque e a comparação com as outras tradições judaicas. Ainda há outros temas em destaque, “quer porque sejam mais proeminentes em Hebreus do que em qualquer outro livro do Novo Testamento, quer porque o tratamento deles é distintivamente peculiar. Alguns exemplos são: a perfeição, o descanso (sabático; Hb 4) e a fé (Hb 11)”.⁵

Entretanto, o tema Superioridade ganha destaque, a partir da exposição de vários autores. A superioridade de Jesus frente a qualquer tema apresentado é notória em toda a carta, por isso Oscar Cullmann diz que a “sua piedade fica inteiramente concentrada sobre Jesus Cristo”.⁶ Ladd deixa o registro:

² **BÍBLIA Brasileira de Estudo**. Almeida século 21. São Paulo: Hagnos, 1993, 1797 p.

³ CARSON, D. A.; et. al. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 449.

⁴ CARSON, 1997, p. 449.

⁵ CARSON, 1997, p. 450.

⁶ CULLMANN, Oscar. **A formação do Novo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 1990, p. 87.

Hebreus tem uma alta cristologia explícita. A preexistência de Cristo é mencionada no próprio começo. Foi através de Cristo que Deus criou o mundo (1.2). Também Cristo, pela palavra do seu poder, sustenta o Universo (1.3). Ele reflete a glória de Deus e expressa a própria imagem de sua natureza (1.3). Não encontramos nenhuma discussão da encarnação, mas isto está claramente na mente do autor quando ele fala da vinda de Cristo ao mundo (10.5; cf. também 2.9).⁷

A perícopes a ser examinada apresenta o subtema da superioridade de Jesus sobre Moisés. É utilizada a analogia do funcionamento de uma casa, que Jesus é o dono da casa, enquanto Moisés é apenas o servo. Esta palavra deve ter chocado os judeus cristãos no início, pois muitos queriam aceitar a Jesus como mais um profeta, entretanto, a missão do Filho de Deus é muito maior do que a de Moisés, pois enquanto este apenas prefigurava, aquele cumpriu.

Champlin traz algumas observações relevantes, a saber:

Não é enfatizado o ofício de Moisés como legislador e nem como sacerdote. É frisado apenas o fato de que ele foi um servo fiel, de maneira diferente dos anjos, mas em subserviência ao Filho. A mediação da lei já fora dada aos anjos (ver Hb 2.2). E mais adiante Cristo é posto em contraste com o sacerdócio inteiro, onde também se demonstra que ele é a fruição do sacerdócio. Portanto, esses elementos não são ventilados em relação a Moisés, embora pudessem sê-lo. A posição de Moisés parece ter sido propositalmente reduzida ao lugar mais humilde possível, a fim de que a glória de Cristo, como Filho sobre a casa de Deus, fosse supremamente exaltada. Moisés não é depreciado, mas o abismo mais largo possível é posto entre ele e Cristo, porquanto tal abismo é realmente imenso [...] O apóstolo e Sumo Sacerdote de nossa fé é Cristo, e não Moisés.⁸

Quanto ao tema geral, observa-se que a Superioridade também é destaque, a partir de algumas estruturas do livro. A seguir, apresenta-se duas estruturas que trazem tal evidência. Nestas duas propostas, percebe-se como Hebreus está organizado, com temas extremamente importantes.

Donald Guthrie propõe a seguinte estrutura⁹:

- I. A SUPERIORIDADE DA FÉ CRISTÃ (1.1-10.18)
 - A. A revelação de Deus através do Filho (1.14)
 - B. A superioridade do Filho aos anjos (1.5-2.18)
 - (i) Cristo é superior na Sua natureza (1.5-14);
 - (ii) Uma exortação contra o desvio (2.1-4);
 - (iii) A humilhação e a glória de Jesus (2.5-9);
 - (iv) Sua obra em prol dos homens (2.10-18);

⁷ LADD, George E. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Exodius, 1997, p. 534.

⁸ CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado**: versículo por versículo. São Paulo: Milenium, 1988, vol. 5, p. 501.

⁹ GUTHRIE, Donald. **Hebreus**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 54-55.

- C. A superioridade de Jesus a Moisés (3.1-19)
 - (i) Moisés o servo e Jesus o Filho (3.1-6);
 - (ii) Enfoque sobre o fracasso do povo de Deus sob Moisés (3.7-19);
- D. A superioridade de Jesus a Josué (4.1-13)
 - (i) O descanso maior que Josué não podia obter (4.1-10);
 - (ii) A urgência em buscar o descanso (4.11-13);
- E. Um sumo sacerdote superior (4.14-9.14)
 - (i) Nosso grande Sumo Sacerdote (4.14-16);
 - (ii) A comparação com Arão (5.1-10);
 - (iii) Um interlúdio desafiador (5.11-6.20);
 - (iv) A ordem de Melquisedeque (7.1-28);
 - (v) O ministro da Nova Aliança (8.1-13);
 - (vi) A glória maior da nova ordem (9.1-14);
- F. O mediador (9.15-10.18)
 - (i) O significado da Sua morte (9.15-22);
 - (ii) Sua entrada num santuário celestial (9.23-28);
 - (iii) Seu oferecimento de Si mesmo em prol doutros (10.1-18);
- II. EXORTAÇÕES (10.19-13.25)
 - A. A posição presente do crente (10.19-39);
 - (i) O novo e vivo caminho (10.19-25);
 - (ii) Outra advertência (10.26-31);
 - (iii) O valor da experiência passada (10.32-39);
 - B. A fé (11.1-40)
 - (i) Sua natureza (11.1-3);
 - (ii) Exemplos do passado (11.4-40);
 - C. A disciplina e seus benefícios (12.1-29)
 - (i) A necessidade da disciplina (12.1-11);
 - (ii) Evitando a inconsistência moral (12.12-17);
 - (iii) Os benefícios da nova aliança (12.18-29);
 - D. Conselhos finais (13.1-25)
 - (i) Exortações que afetam a vida social (13.1-3);
 - (ii) Exortações que afetam a vida particular (13.4-6);
 - (iii) Exortações que afetam a vida religiosa (13.7-9);
 - (iv) Acerca do novo altar do cristão (13.10-16);
 - (v) Palavras finais (13.17-25);

A segunda estrutura é proposta por Almir dos Santos Gonçalves Junior¹⁰:

- A. A natureza e a perfeição do Filho Jesus (1.1-4.13);

¹⁰ GONÇALVES Jr, Almir dos Santos. **A Bíblia livro por livro**: os livros da Bíblia numa visão panorâmica e objetiva. Rio de Janeiro: JUERP, 2007, 204 p.

- B. A superioridade de Cristo sobre todos os símbolos do judaísmo (4.14-10.18);
- C. A revelação em Cristo é completa e deve ser aceita (10.19-13.19);
- D. Conclusão e saudação (13.20-25);

Além do destaque, em alguns pontos da estrutura, sobre a Superioridade, deve-se considerar que devido a epístola ter sido escrita a cristãos que estavam enfrentando perseguição (Hb 10.32 e 12.4), ao ponto de abandonarem Cristo, o autor escreveu para encorajar e aconselhar contra a apostasia, para assegurar a fidelidade dos leitores a Cristo. Portanto, ele traça uma linha de argumentos sobre a superioridade de Cristo em relação à antiga revelação (1.1-3), aos anjos (1.4-2.18), a Moisés (3.1-19), a Josué (4.1-13), ao sacerdócio do Velho Testamento (4.14-10.31).¹¹

2. QUESTÕES BÁSICAS SOBRE A PERÍCOPE

2.1 Autoria

É bem conhecida a luta dos estudiosos de todos os tempos para procurar a definição da autoria de Hebreus. O anonimato tem sido o mais aceito devido às inúmeras possibilidades, tais como: Paulo, Pedro, Lucas, Clemente, Barnabé, Filipe, Priscila ou mesmo Silas. Quanto à autoria paulina Miller e Huber vão dizer que Hebreus chegou a fazer parte das chamadas “Cartas Paulinas” ainda no segundo século, mas que com o passar do tempo foi tomando um lugar mais para o final da lista das cartas, “pois não identificava o escritor”.¹²

Ainda sobre a possível autoria Paulina, já há muito que não é apoiada, pois não há qualquer referência a Paulo no texto da carta, e a “anonimidade do texto é uma dificuldade imediata para a autoria paulina, visto não haver em lugar algum qualquer sugestão de que Paulo teria escrito no anonimato”.¹³ Para todos os demais que foram considerados como possíveis autores durante séculos, também há fracos argumentos, por isso o anonimato é o mais seguro. Cullmann afirma que o autor “é um cristão estudado de origem judaica que não somente domina melhor a língua grega que os outros autores do Novo Testamento mas ainda assimilou a fundo a cultura grega”.¹⁴

2.2 Destinatários, data e local

De acordo com os manuscritos mais antigos, bem como os Pais da Igreja, esta carta está direcionada “aos hebreus”¹⁵, apesar de não parecer que o título e subtítulo façam parte do documento original, mas eram cristãos que sofriam perseguição. Conforme Champlin, este

¹¹ LADD, 1997, p. 529-530.

¹² MILLER, Stephen M.; HUBER, Robert V. **A Bíblia e a sua história: o surgimento e o impacto da Bíblia**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006, p. 69.

¹³ GUTHRIE, 2011, p. 17.

¹⁴ CULLMANN, 1990, p. 87.

¹⁵ GUTHRIE, 2011, p. 20.

livro também não estaria endereçado apenas para os hebreus, mas sim para “crentes de todas as regiões, e não apenas a algum isolado grupo de hebreus convertidos ao cristianismo”¹⁶, este é outro debate no livro.

Se as discussões acerca da autoria são várias, quanto à data não há uma discussão muito extensa, apesar de não se poder precisá-la. Esta é tida entre 68 e 95 d.C., sendo que a maioria dos eruditos, por força interna do texto de não mencionar a descrição de Jerusalém e pela forte ligação com a história dos hebreus, propõem uma data antes de 70 d.C., ficando entre 62 e 68 d.C..¹⁷ Com relação ao local, não há em nenhum lugar a indicação de onde foi escrita. Além disso, pouco interesse em se descobrir onde foi escrita.

2.3 Gênero literário e a interpretação

Com relação ao livro, há várias questões a serem discutidas, como por exemplo, a discordância entre estudiosos, de que Hebreus seja considerado uma epístola, pois muitos o consideram um tratado teológico, tendo alguns elementos de sermão e outros de epístola. Mas, a Carta aos Hebreus pode ser considerada a chave hermenêutica tanto para entender o Antigo Testamento como para perceber no Novo Testamento a posição do Filho diante de toda a criação.

Apesar de Hebreus estar agrupado com as chamadas Epístolas Gerais, muitos discordam de que seja mesmo uma carta verídica, pois há elementos de tratado, elementos de homilia e também de carta, conforme Fee e Stuart declaram. Eles ainda vão afirmar que:

Hebreus foi descrita como sendo três partes tratado e uma parte carta, realmente foi enviada para um grupo específico de pessoas, conforme 10.32-34 e 13.1-25 tornam claro. Note especialmente a forma de carta em 13.22-25. Mesmo assim, os capítulos 1-10 são pouco semelhantes a uma carta e, na realidade, são uma homília eloquente em que o argumento quanto à total superioridade de Cristo a tudo quanto O antecedeu é entremeadado com palavras urgentes de exortação no sentido de os leitores conservarem firme sua fé em Cristo (2.14; 3.7-19; 5.11-6.20; 10.19-25).¹⁸

Não é fácil determinar um único gênero literário para Hebreus. Alguns autores afirmam que é uma obra ímpar, tendo uma mistura de estilos e que o autor escreveu um tratado em forma de sermão dando alguns toques pessoais, parecendo-se então com uma carta.

Devido ao estilo literário polêmico, é preciso atentar para a interpretação deste texto, sendo necessário, ter como ponto de partida o Filho, pois Cristo, é o principal assunto da carta-tratado-sermão. Toda a interpretação deve considerar a centralidade de Jesus e a Sua superioridade sobre a Lei Mosaica. A metodologia de interpretação deve seguir as regras de interpretação das Epístolas, ou seja, como Fee e Stuart expõe nas suas regras básicas,

¹⁶ CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia teologia e filosofia*. São Paulo: Candeia, 1997, vol. 3, 44 p.

¹⁷ CHAMPLIN, 1997, vol. 3, p. 48.

¹⁸ FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lêes?* Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 31.

considerar que nenhum texto pode significar aquilo que nunca poderia ter significado para os seus autores e leitores, bem como a Palavra de Deus ser a mesma hoje como foi no passado.¹⁹

3. CRÍTICA TEXTUAL²⁰

Neste ponto é preciso entender um pouco do trabalho da Crítica Textual do Novo Testamento, pois muitas vezes quando se acessa a Bíblia através de computadores, tablets e smartphones, ou mesmo quando se abre um exemplar físico das Sagradas Escrituras não há a noção de quanto trabalho e de quão difícil foi o caminho para que as Escrituras chegassem a humanidade. Wilson Paroschi, na sua obra “Crítica textual do Novo Testamento”, afirma que raramente lembra-se dos estágios primitivos que houve tanto o preparo como para a transmissão dos livros bíblicos ao longo de sua história. Ou seja, os rolos de papiro, os pergaminhos, os códices (uma espécie de encadernação primitiva), os tipos e escrita (maiusculas ou unciais, minúsculas e, mais tarde, a impressão), as abreviações encontradas em cópias antigas com o texto grego, o formato e outros itens na lista de exame dos materiais são muito importantes e complexos.

Há níveis relativos à certeza dos textos consoante as cópias encontradas (a ressaltar que não há nenhum autógrafo encontrado), no qual são empregadas as letras A, B, C e D para determinar o grau de dificuldade de certeza, no qual A é o mais pacífico e o D é o mais incerto. No caso do texto de Hebreus em análise, há uma variante textual no versículo dois e outras duas no versículo seis.

No versículo dois, há uma dificuldade nível C na palavra grega ‘όλω (*/holu/* - tudo ou toda), referindo-se à “casa de Deus”. Aqui a maior parte dos códices, como o Sinaítico, o Vaticano, bem como mais de duas dezenas de minúsculos, e também a Vulgata Latina, a Siríaca, e alguns Pais da Igreja vão entender que há a palavra ‘όλω, enquanto poucos vão omitir a palavra. Entretanto, parte da dificuldade se dá pela omissão em importantes e antigos papiros, como o “p13” e o “p46” e também no texto cóptico. Apesar de muito difícil pode-se ponderar que se a palavra “toda” tivesse sido acrescentada é provável que o contraste feito entre Moisés e o Cristo trouxesse mais importância do que o devido a Moisés, portanto é muito provável que a palavra tenha sido retirada, “numa espécie de correção alexandrina”.

Também há no verso seis duas questões de crítica textual, sendo que Aland as considera respectivamente como de níveis A e B, enquanto Champlin as considera de nível B e C. Trata-se das palavras “ός” (*/hos/* - a qual) e “κατάσχωμεν” (*/kataskhomen/* - guardar). No primeiro caso, mais simples, parece que a forma ocidental citada modifica o original para ficar mais

¹⁹ FEE; STUART, 1999, p. 48-49.

²⁰ Θεοι, αδελφοι αγιοι, κλησεως επουρανιου μετοχοι, κατανοησατε τον αποστολον και αρχιερα της ομολογιας ημων Ιησουν, πιστον οντα τω ποιησαντι αυτον ως και Μωυσης εν [όλω] τω οικω αυτού. πλειονος γαρ ουτος δόξης παρά Μωυσην ήξίωται καθ’ όσον πλειονα τιμήν έχει του οικου ο κατασκευάσας αυτόν· πας γάρ οικος κατασκευάζεται υπό τινος, ο δέ πάντα κατασκευάσας θεός. και Μωυσης μὲν πιστός εν όλω τω οικω αυτού ως θεράπων εις μαρτύριον των λαληθησομένων, Χριστός δέ ως υιός επί τον οικον αυτού· [ός] οικός εσμεν ημεις, εάν την παρρησιαν και το καύχημα της ελπίδος [κατάσχωμεν]. (ALAND, Kurt; *et al.* **The greek new testament**. Stuttgart: SBU, 1994).

claro que é “casa de Deus” e no segundo caso, parece o *Textus Receptus* acrescenta a expressão “μέχρι τέλους βεβαίαν” (/mekhri telous bebaian/ - firme até o fim), através duma possível interpolação com o verso quatorze.

4. ANÁLISE LÉXICO-SINTÁTICA

Será reduzido a algumas expressões encontradas nos versículos cinco e seis da perícope em análise, para investigar um pouco mais na questão léxica e sintática. Entretanto essas expressões são repetidas algumas vezes na perícope, portanto dignas de atenção.

Ora, Moisés era fiel em toda a sua casa, como servo, para ser testemunha das coisas que deveriam ser ditas. Cristo, porém, na qualidade de Filho, está acima de sua casa. Esta casa somos nós, se mantivermos a confiança e o motivo altaneiro da esperança.²¹ Moisés, como servo, foi fiel em toda a casa de Deus para testemunho das coisas que seriam anunciadas, mas Cristo, como Filho, é fiel sobre a casa de Deus, casa que somos nós, se conservarmos firmes até o fim a nossa confiança e a glória da esperança.²²

Com relação à parte: “Moisés era fiel em toda a sua casa, como servo, para ser testemunha das coisas que deveriam ser ditas”, observa-se que Moisés foi fiel, um exemplo da fidelidade, alguém digno de confiança. Tendo o autor do texto de Números 12.7 em mente, se reconhece que ele cumpriu a tarefa de governar o povo de Deus, entretanto Jesus é superior a Moisés na fidelidade, pois enquanto Moisés é um servo, Jesus é o Senhor, como afirma Champlin:

...alguém maior do Moisés viera a este mundo ultimamente; e este alguém fora incumbido de maior comissão ainda; uma casa maior (a igreja) estava sendo edificada; Cristo é co-edificador e Senhor sobre esta casa. Já Moisés fora apenas um servo fiel — mas Cristo é o Filho fiel.²³

A palavra “servo” aqui é “θεράπων” (/terapon/ - servo, escravo)²⁴, e sugere um serviço de cunho mais pessoal e prestado voluntariamente, com base num relacionamento respeitoso e sadio, o que trazia honra para quem o fazia. A outra palavra ainda no versículo cinco é “λαληθησομένων” (/laletesomenon/ - coisas que seriam anunciadas), que está no participio futuro passivo do verbo “λαλέω” (/laleo/ - falar, anunciar), e traz-a ideia de algo mais amplo e futuro, ou seja, que Moisés apontava para algo muito maior e para além dele mesmo.²⁵

Com relação à parte: “Mas Cristo, como Filho, é fiel sobre a casa de Deus”, observa-se que mais uma vez a diferença entre Moisés e Jesus fica explícita, pois enquanto um é servo e o outro é o Filho. A palavra “casa” traz a ideia de “família”, a metáfora da construção é muito

²¹ **BÍBLIA de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 1996, p. 2244.

²² **BÍBLIA Brasileira de Estudo.** Almeida século 21. São Paulo: Hagnos, 1993, p. 1797.

²³ CHAMPLIN, 1988, vol. 5, p. 503.

²⁴ RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chave linguística do Novo Testamento Grego.** São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 499.

²⁵ RIENECKER; ROGERS, 1997, p. 499.

rica e consegue simplificar a compreensão para todos, pois “Moisés e os profetas só foram importantes devido ao fato de que o Filho os encarregou de importante missão”.²⁶ Além disso, o termo “Χριστός” (*/Khristos/* - Cristo) está na frase como sujeito do predicado “é fiel”, não deixando dúvidas de que Jesus é “O fiel”.²⁷

Com relação à parte: “Casa que somos nós”, observa-se que a palavra “casa” como família, a afirmação textual diz que somos “nós”. A questão é “nós quem?”. Se examinados os textos das Escrituras, como Efésios 2.21,22; 3.10; 1Pedro 2.6; 4.17; e 1Timóteo 3.15, percebe-se que se está falando da Igreja de Cristo e não apenas dos judeus. Na verdade, cristãos, sejam judeus ou gentios, são agora chamados de “casa de Deus”.

Com relação à parte: “Se conservarmos firmes até o fim a nossa confiança e a glória da esperança”, mostra que a perícopes termina com uma advertência. Isso traz muitas possibilidades de estudo, pois o autor de Hebreus trata da segurança do crente em Jesus. Guthrie fala que aqui é trazido o princípio da coerência²⁸, ou seja, entre o que se professa e o que se vive. Sendo assim, somente os coerentes podem fazer parte desta “casa” da qual Moisés falou e serviu, e da qual o Filho, Jesus Cristo, é o Senhor. Essa “παρησία” (*/parresian/* - confiança), precisa ser “κατάσχωμεν” (*/kataskhomen/* - guardada) até o fim, que quer dizer: retida, confiscada, guardada firmemente.²⁹

5. ANÁLISE SEMÂNTICA

De uma forma geral, como já visto nas estruturas propostas, afirmar a “superioridade de Cristo” era algo extremamente importante para o autor de Hebreus. Havia um orgulho muito forte do povo hebreu.

[...] orgulho nacional, comparado ao qual nosso chauvinismo mais desvairado é praticamente inexistente, enchia o coração do judeu mais humilde quando se lembrava que pertencia à raça escolhida, ao povo da aliança. Que lhe importava se sua vida pessoal fosse medíocre, que a sorte o tratasse com indiferença [...] Ele podia ser desprezado, mas sabia muito bem que em comum com a nação inteira possuía um privilégio que nenhum poder da terra poderia tirar-lhe, o “sacerdócio imutável”.³⁰

O capítulo três, do texto em análise, está ligado ao dois e isso pode ser visto através dos termos “santos irmãos” utilizado no versículo um, pelo autor, para que possa haver a conexão firme aos destinatários desde o início, ou seja, os “que participam da vocação celestial”.³¹ No verso dois há a “fidelidade” de Jesus sendo exaltada de uma forma incrível através do Seu servo Moisés. Pois este foi mesmo alguém muito grande, fiel “a toda a casa de Deus”, ou seja,

²⁶ CHAMPLIN, 1988, vol. 5, p. 505.

²⁷ RIENECKER; ROGERS, 1997, p. 499.

²⁸ GUTHRIE, 2011, p. 96.

²⁹ RIENECKER, 1997, p. 499.

³⁰ DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 41.

³¹ GUTHRIE, 2011, p. 91.

é ressaltada a extensão enorme da fidelidade de Moisés. Mesmo assim, com tudo isso que serve de padrão, como uma régua muito alta, Jesus ainda vai muito e muito além.³²

Encontra-se no versículo três duas palavras muito importantes, que são “honra” e “glória”, as quais também são encontradas no versículo sete do capítulo dois, mas também no livro do Apocalipse de João, sendo citadas do Salmo oito. Enquanto no Apocalipse diz respeito ao louvor ao Cordeiro pelos seres viventes, aqui a palavra “glória” é aplicada a pessoas, a “honra” está ligada à casa e ao edificador.

Quando se encontra a expressão “toda a casa é estabelecida por alguém” no versículo quatro, ela é considerada por Gunther como “uma declaração genérica que dificilmente precisa ser feita a não ser que haja razões para disputá-la”³³, mas possivelmente era uma abordagem contemporânea da Lei Mosaica. Nisto havia um grande perigo, que era o respeito excessivo por Moisés, o que levava muitos novos cristãos judeus de volta às práticas judaicas.

Nos versículos cinco e seis é novamente retomada a ideia já trabalhada da superioridade de Jesus sobre Moisés, mas agora usa-se a forte diferença que há entre um escravo e o dono da casa. A palavra traduzida por “servo” na maioria das versões na Língua Portuguesa não é, neste caso, as palavras “δούλος” (*/doulos/* - servo, escravo), nem a palavra “διάκονος” (*/diakonos/* - servo, escravo), mas sim uma palavra que só vai aparecer neste texto, que é “θεράπων” (*/terapon/* - servo, escravo), referindo-se a um trabalho voluntário, ou seja, prestado de forma gratuita. É uma palavra mais branda e doce. Mas sem retirar que é da mesma forma um serviço prestado para outrem, neste caso, Moisés serve a Cristo.

Há uma condição que é posta ao final, com vista na análise léxica, na qual encontra-se um “se” condicional, ou seja, “se guardarmos firme até ao fim a ousadia e a exultação da esperança”. Aqui não é para mal, mas para trazer “esperança”, uma palavra muito mais forte no grego do que no seu uso normal na Língua Portuguesa, pois no grego não é como se fosse um mero desejo de que algo aconteça, mas sem muita base real nos fatos. Algo certo, ou seja, há uma certeza de que vai acontecer, tanto que o autor usa uma expressão muito enfática, que pode ser traduzida como “orgulho exultante”³⁴, e esta ideia vem como uma exortação e não uma consideração. Este texto é muito importante, pois a esperança também é caracterizada pela exultação, mas como uma espécie de orgulho naquilo que Cristo tem feito, está fazendo e vai fazer.

Segundo Champlin:

[...] haverá alegre confiança em Cristo se estivermos sendo cheios do fruto do Espírito (ver Gl 5.22,23); e isso nos dará uma esperança brilhante e firme. Todavia, se não nos apegarmos “firmemente” à esperança, ela pode perder-se. O autor sagrado não ilumina aqui o outro lado da questão, que consiste

³² GUTHRIE, 2011, p. 93.

³³ GUTHRIE, 2011, p. 95.

³⁴ GUTHRIE, 2011, p. 96.

em como Cristo, em sua misericórdia, restaura a esperança, porquanto ele não tolera a perda de qualquer de suas ovelhas (Jo 17.11,12).³⁵

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há algum tempo, enquanto redigia-se um sermão para pregar na comunidade, no norte de Portugal, houve um certo incômodo. Na verdade, fazia-se um panorama bíblico com a igreja, e as duas semanas que se seguiram eram as de Hebreus, ou seja, preparou-se o sermão, pois de certa forma “teria” que pregar nesta epístola. Lendo e relendo a carta, percebeu-se que não era por “acaso” que estava programado para naquela semana poder revisitar este texto incrível. Pois a Palavra de Deus é viva e é ela quem mostra a direção para a vida. Após algum tempo de busca em Deus sobre qual texto expor, o capítulo três, foi escolhido. Falar-se-ia sobre “a supremacia do Cristo”, pois este é o tema central da vida (3.1-6).

“Assim como a pessoa que constrói uma casa é mais importante do que a casa, assim, também, Jesus é mais importante do que Moisés” (v.3 - NTLH). O autor fala diretamente aos cristãos que vieram do Judaísmo num primeiro momento, pois alguns converteram-se a Cristo, mas queriam regressar ao Judaísmo nas suas práticas e era preciso lembrar naquele tempo, como também hoje, que Cristo é superior ao Judaísmo, bem como a quaisquer sistemas religiosos. O Filho é a manifestação da glória de Deus, Ele é maior do que os anjos e do que Moisés. Este era um servo na casa de Deus (o povo de Israel), mas Cristo é o Filho, o dono da casa de Deus (a igreja), logo Ele é maior que Moisés.

Uma das coisas aprendidas é que não se deve regressar às práticas do Antigo Testamento, como tanta gente faz nos dias de hoje, especialmente em Portugal, com os pouquíssimos cristãos evangélicos que tem. Tantas pessoas valorizam os seus títulos, as suas estruturas eclesíásticas, os seus rituais, mas somente Deus é o bem supremo do Ser Humano, e Jesus é único acesso a Deus.

Aprendeu-se que ter no coração a supremacia do Cristo também significa ter o senso de urgência, sem duvidar. Por isso há o convite a permanecer fiéis até o fim. Se o livro de Levítico no Antigo Testamento é tão importante para uma hermenêutica saudável da Bíblia, também o livro de Hebreus no Novo Testamento é uma chave importante para entender as posições de cada um e de cada situação. Este artigo acadêmico surge de um momento devocional, de quebrantamento, de adoração ao Senhor Jesus.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA para todos. São Paulo: Coreia do Sul, 2018.

ALAND, Kurt; *et al.* **The greek new testament.** Stuttgart: SBU, 1994.

BÍBLIA brasileira de estudo. Almeida século 21. São Paulo: Hagnos, 1993.

³⁵ CHAMPLIN, 1988, vol. 5, p. 506.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1996.

BÍBLIA Sagrada. Almeida Revista e Corrigida. São Paulo: Geográfica, 2021.

BÍBLIA Sagrada. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

BÍBLIA Sagrada. Nova Versão Internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000. Tirar as versões bíblicas não utilizadas no texto

CARSON, D. A.; *et. al.* **Introdução ao Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1997. 556 p.

CHAMPLIN, Russell Norman; *et. al.* **Enciclopédia de Bíblia Teologia e filosofia.** São Paulo: Candeia, 1997. vol. 3. 935 p.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado:** versículo por versículo. São Paulo: Milenium, 1988. vol. 5. 670 p.

CULLMANN, Oscar. **A formação do Novo Testamento.** São Leopoldo: Sinodal, 1990. 121 p.

DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus.** São Paulo: Vida Nova, 2008. 524 p.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lêes?** Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 1999. 330 p.

GONÇALVES JR, Almir dos Santos. **A Bíblia livro por livro:** os livros da Bíblia numa visão panorâmica e objetiva. Rio de Janeiro: JUERP, 2007. 224 p.

GUTHRIE, Donald. **Hebreus:** introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2011. 263 p.

LADD, George E. **Teologia do Novo Testamento.** São Paulo: Exodus, 1997. 584 p.

MILLER, Stephen M.; HUBER, Robert V. **A Bíblia e a sua história:** o surgimento e o impacto da Bíblia. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006. 256 p.

PAROSCHI, Wilson. **Crítica textual do Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1993. 248 p.

RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chave linguística do Novo Testamento Grego.** São Paulo: Vida Nova, 1997. 639 p.